

A poética de Jarbas Martins

Homero de Oliveira Costa – UFRN

Jarbas Martins é seguramente um dos mais destacados poetas do Rio Grande do Norte. Embora sua produção poética não seja muito extensa, é muita rica em qualidade, em especial o livro “Contracanto”, publicado pela Editora da UFRN em 1996, que teve ampla repercussão no ambiente intelectual da cidade, sendo considerado um dos mais importantes livros de poesia publicado no Rio Grande do Norte. Em 2008 publicou pela Editora Sebo Vermelho um livro-poema “Antielegia para Emmanuel Bezerra: um nome por fazer”.

O autor nasceu na cidade de Angicos (RN) em 28/06/1943. É formado em Direito (UFRN), com especialização em Ciência Política (PUC/SP, onde também frequentou o mestrado de Comunicação e Semiótica). Foi promotor de Justiça do Ministério Público do Estado e atualmente é professor da UFRN, lotado no Departamento de Comunicações, lecionando as disciplinas Cultura Brasileira e Comunicação e Artes Visuais.

Além de professor e poeta, também colabora nos jornais da cidade, tendo escrito diversas resenhas de livros de poesias nos Jornais Tribuna do Norte e Jornal de Hoje. Sempre teve ativa participação em eventos culturais da cidade, tendo feito parte do grupo DES, que lançou, em 1966, a poesia concreta no Rio Grande do Norte, cujo lema era “Por uma poesia revolucionária, formal e tematicamente”. Nos anos 1970, foi representante, em Natal, da revista cultural Escrita, publicação alternativa que circulou na época em São Paulo. Integra a “Antologia de Tradutores Norte Rio-Grandenses” (Editora da UFRN, 2008), org. por Nelson Patriota.

Os sonetos que apresentamos do autor fazem parte de um livro inédito, “Revisões”, cujo propósito, segundo o autor “é a desconstrução dos mitos que fazem parte do nosso imaginário, figuras populares messiânicas (Lampião, Frei Damião); mitos integrados a massa cultura pop-midiática (Garrincha etc.) e ícones da nossa história como Luiz Carlos Prestes”.

VIRGULINO

a Manoel Onofre Jr.

A estrela como ultraje no chapéu.
Já não bastava? Em sua carne fria
trazia assinalado outro troféu:
a morte, essa jocosa companhia.

No horizonte de pedra e cascavel,
pressagiava, ao sol, o irado Dia;
Mais aquém as pegada de Lusbel
– que o seu único olho entrevia.

Acovardado, sim. Mas que esperto!
Adotara o punhal, o chão deserto,
o rosário, o bernal e a quizília.

Esconjurava a noite e a quadrilha
dos remorsos. Mas Deus (que é santo velho)
Decretou a irrisão como evangelho.

...

Decretou a irrisão como evangelho.
Que Deus cego enroscou-se em tal maranha?
Amancebado, a infância o acompanha,
Grudada ao rosto a máscara – espelho.

A treva o cerca, a caatinga o estranha.
Reza o ofício, e chama de joelho,
venha a benção do céu, fel da entranha,
que o mais é sem conserto, ó mundo velho.

Uma carabina em cada mão, o rim
cingido por um cinturão de balas,
Maldiz-se e baba, corta a sua fala,

da chaga exposta escorre o sangue ruim.
Presente, ao lado, o Demo – seu igual.
E ensaia no deserto o carnaval.

FREI DAMIÃO

a Inácio Magalhães de Sena

Chegado a este sertão, onde escondera-
se o pecado mortal por pensamento,
viu uma cruz, sob o sol que a derreteria,
e o Diabo com sua calda de espavento.

Espantalho de cera, e pano, e vento,
o olho azul a estourar-lhe a cara,
pregava em um deserto, onde acampara,
por graça do Demônio e seus inventos.

Quem não lembra o toscano, esse Aretino
de Deus, a desatar o nó de sexo,
e trazer a luxúria ao peregrino,

com imprecações, e rezas, e bravatas,
e gozoso sugar, em meio ao séquito,
num peito magro, o leite das beatas?